Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 12 – Ano VI – 10/2017
http://www.ufvjm.edu.br/vozes

ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA PALESTRA "POLÍTICA EDUCACIONAL E O DIREITO DE APENDER"

Profª. MSc. Paloma Sabata Lopes da Silva
Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/PE – Brasil
Bolsista Capes/DS na UFPE
http://lattes.cnpq.br/7628184699684334
E-mail: paloma.sabata@gmail.com

Resumo: Nos estudos Linguísticos, muitas linhas teóricas surgiram com um objetivo comum: estudar a língua descrevendo e revelando seu funcionamento. Com a Sociolinguística não é diferente. Essa área de conhecimento visa à explicação de fenômenos relacionados ao uso real da língua em seus aspectos sociais e culturais que envolvem as estratégias e a produção linguísticas. Nesse sentido, este estudo tem o intuito de investigar as marcas de organização textuais/discursivas na produção do gênero palestra. Especificamente, pretende-se: a) descrever as convenções de contextualização linguísticas presentes na palestra "Política educacional e o direito de aprender", proferida por um palestrante brasileiro bem requisitado, e b) identificar as estratégias comunicativas utilizadas pelo palestrante no evento. Para tanto, a metodologia adotada foi a Etnografia da Comunicação, de natureza qualitativa, e o *corpus* foi constituído pela transcrição da referida palestra. Como pressupostos teóricos, embasou-se em Labov (2008), precursor dos estudos sociolinguísticos, e em Hymes (1972 e 1974), Gumperz (1991 e 1998) e Goffman (1998), que adotaram uma visão da Sociolinguística Interacionista da produção linguística e das convenções típicas de situações reais de usos da língua. O resultado da análise apontou para o fato de que o palestrante se utiliza de estratégias diversas de linguagem e de pistas de contextualização, que provocam a interação indireta com a audiência. Outros fenômenos observados foram os *footings*

presentes na narração de episódios, na ironia, que geraram o riso, e no encaixe de estruturas explicativas que justificaram referências textuais importantes.

Palavras-chave: Convenções de contextualização. Palestra. Estratégias comunicativas.

Introdução

A Sociolinguística é uma ciência interdisciplinar que trata do estudo da linguagem em uso real, levando em consideração as relações entre os aspectos culturais e sociais e a estrutura linguística do falar de comunidades diversas. Nessa abordagem, a língua é tomada como instituição social, dependente do contexto situacional, da cultura e da história das comunidades de falas.

Firmada nos Estados Unidos, na década de 1960, a Sociolinguística teve início sob liderança do linguista William Labov (nascido em 1927), com a chamada sociolinguística variacionista, caracterizada por sua metodologia bem definida a partir do estudo de variáveis quantitativas utilizadas para coleta e análise de dados linguísticos. Além de Labov, outros pioneiros representantes da sociolinguística são John Gumperz (1922-2013), Dell Hymes (1927-2009) e Erving Goffman (1922-1982), que além de linguistas são antropólogos de formação.

À luz da perspectiva teórica da Sociolinguística Interacionista (SI), este estudo adota o pressuposto de que os estudos acerca da interação se constituem como parte integrante do modelo teórico da sociolinguística. Este, por sua vez, trata da dimensão social da linguagem, bem como do estudo do papel que as estratégias comunicativas desempenham no processo de produção e reprodução da identidade social dos falantes quando interagem.

Cabe esclarecer que a SI trabalha com uma abordagem teórica interdisciplinar e elege as interações que ocorrem em diferentes contextos, sejam eles espontâneos ou institucionais, levando em consideração aspectos variacionistas como os espaços de diversidade cultural, étnica, religiosa, etária, linguística, de classe, de gênero, de poder. Além disso, a linguagem é tomada como uma construção de interação socialmente situada em que esses momentos de interação entre pessoas constituem os espaços em que a linguagem ocorre, gerando sentidos e formas de produzir sentidos.

Objetiva-se investigar as marcas de organização textuais/discursivas na produção do gênero palestra. De modo específico, pretende-se, em primeiro lugar, descrever as convenções de contextualização linguísticas presentes na palestra *Política educacional e o direito de aprender,* proferida pelo renomado palestrante brasileiro, Mário Sérgio Cortella. No segundo momento, intenciona-se identificar as estratégias comunicativas utilizadas pelo palestrante durante o evento.

A fim de cumprir os objetivos mencionados, utilizar-se-á a metodologia proposta pela Etnografia da Comunicação, de natureza qualitativa e sob abordagem descritivo-interpretativista. O *corpus* é, pois, constituído pela transcrição de partes da referida palestra.

Conforme anunciado, este estudo fundamentou-se teoricamente nas perspectivas de Gumperz (1991, 1998), para tratar do conceito e das características das convenções de contextualização, nos estudos de Goffman (1998) e Hymes (1972, 1974), acerca das estratégias comunicativas e da competência comunicativa, respectivamente.

A interdisplinaridade da sociolinguística

Nos estudos Linguísticos, muitas linhas teóricas surgiram com um objetivo comum: estudar a língua descrevendo e explicando fenômenos a ela relacionados. E com a Sociolinguística não é diferente. Essa área visa à explicação de fenômenos relacionados ao uso real da língua em seus aspectos sociais e culturais, bem como o estudo das relações que envolvem as estratégias e a produção linguísticas.

Estudiosos representantes desta subárea da Linguística, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1960, são Labov (precursor), Weinreich (1926 - 1967), Fishman (1926), Dell Hymes, Gumperz e Goffman. A princípio, Labov não aceitava o termo Sociolinguística, por considerá-lo redundante e pouco adequado, haja vista sua natureza meramente linguística. Para o linguista, o aspecto teórico mais relevante dos estudos Sociolinguísticos é a variação linguística, diferenciando-se da postura estruturalista, que pressupunha um falante-ouvinte ideal. Por isso o termo mais adequado, para Labov (2008, p. 215), parecia ser “sociologia da linguagem”. Nas palavras do autor: “O estímulo para tais estudos é primordialmente o de que dada pessoa ou grupo usa a língua x num contexto ou domínio social y.”

A Sociolinguística é considerada interdisciplinar por sua complexidade, pois abrange pelo menos cinco definições diferentes, quais sejam: 1) é uma ciência; 2) é um ramo da linguística, como aponta Labov, que assume uma forma de específica de fazer linguística; 3) investiga a linguagem como fenômeno social e cultural; 4) estuda a linguagem em seu contexto social, em situações reais, por meio de investigação empírica; 5) está relacionada com a metodologia e conteúdo das Ciências Sociais, principalmente, a Antropologia Social e a Sociologia (HERNANDEZ CAMPOY e ALMEIDA, 2005).

Na perspectiva sociolinguística proposta por Dell Hymes, chamada por ele de etnografia da fala, a preocupação está centrada nos detalhes da língua em uso real adotada por falantes específicos em determinados “eventos de fala”. Por sua vez, Labov observa que

> as regras para seleção adequada dos falantes; as inter-relações entre falante, ouvinte, público, tópico, canal e contexto; e os modos como os falantes se valem dos recursos de sua língua para desempenhar certas funções. Este estudo funcional é concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística. (LABOV, 2008, p. 216).

Em função dos nossos objetivos, foca-se uma discussão nos pressupostos da Sociolinguística Interacional de Hymes, Gumperz e Goffman, conforme abordamos nos itens que seguem.

A natureza das estratégias e pistas linguísticas

Na perspectiva de Gumperz (1991), o próprio processo interativo é constitutivo da realidade social e, portanto, as ações não estão predeterminadas, pois os participantes organizam o discurso de modo que permitem atribuição de significado. É por isto que, na interação, há que se considerar a criação conjunta (comunicação cooperativa) de todos os sujeitos presentes no encontro, quais sejam: os participantes – quem fala para quem; os tópicos – sobre o quê; o espaço – em que lugar; o tempo – em que momento; a forma como os participantes sinalizam – os enquadres, conceituados enquanto esquemas ou estruturas que formamos para compreender as elocuções. Para tanto, a SI utiliza-se do aparato teórico-metodológico de três tradições funcionalistas do estudo da linguagem: a Etnografia

da Comunicação, a Semântica Cognitiva associada à Pragmática dos atos de fala (o uso linguístico a partir da explicação da linguagem em situações concretas de fala) e a Análise da Conversação (cf. BORTONI-RICARDO, 2005).

Essas facetas linguísticas se materializam nas convenções de contextualização conceituadas por Gumperz (1998, p. 98) como pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor. Tais intenções podem se apresentar através de *pistas linguísticas*, como a alternância de código, dialeto ou estilo; *pistas paralinguísticas*, enfatizando-se o valor das pausas, o tempo da fala, as hesitações e/ ou *pistas prosódicas*, a exemplo da entonação, do acento, do tema; além das *pistas não-vocais*, como postura, gestos, direcionamento do olhar, distanciamento entre os interlocutores etc.

Gumperz se ocupa de estudar a dimensão interacional dos usos da linguagem em eventos linguísticos face a face. Portanto, apropria-se, nesta análise, dos conceitos formulados por ele para investigar as pistas linguísticas e extralinguísticas presentes na fala do palestrante Mário Sérgio Cortella.

As pistas de contextualização, situadas na natureza das pressuposições, são definidas enquanto traços linguísticos que podem aparecer sob diversas formas de manifestações dependentes do repertório linguístico e da historicidade de cada participante da interação, ao mesmo tempo em que contribuem para as sinalizações que conduzem a uma interpretação. Nas palavras de Gumperz (1998, p.152), as pistas de contextualização são

> implicaturas conversacionais baseadas em expectativas convencionalizadas de co-ocorrência entre conteúdo e estilo de superfície. Isso significa que é através das mensagens de constelações de traços presentes na estrutura de superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e *como* cada oração se relaciona com o que a precede ou sucede. Tais traços são denominados "*pistas de contextualização*". (grifo do autor)

As convenções de contextualização apresentam duas vias, que são a da sinalização nos nossos propósitos comunicativos e a da inferência dos propósitos conversacionais do interlocutor. Por isso, caso haja algum problema causado pelas convenções de contextualização, estes serão refletidos nos fenômenos sociolinguísticos. Logo, para Gumperz (2002, p. 171), o estudo sociointeracional da

linguagem busca “[...] identificar as pistas que estão operando (na interação) e, então, determinar suas origens dentro do sistema linguístico a fim de formular hipóteses sobre o que elas refletem a respeito da origem dos participantes”.

Para Gumperz, quatro premissas básicas regem a sociolinguística interacional: 1) o r**elativismo cultural**, que defende o papel da cultura na atividade humana individual, negando qualquer valorização moral e ética dos mesmos; 2) a **equivalência funcional de todas as línguas**, em que as línguas se equivalem tanto em sua estrutura quanto em seu uso; 3) a **heterogeneidade linguística regular**, que permite identificar a língua não como um fenômeno homogêneo, pelo contrário, heterogêneo em função da variação e da mudança linguística; 4) a **igualdade essencial entre as variedades linguísticas**, isto é, as variedades não podem ser descritas como melhores, mais complexas ou mais bonitas que outras.

A perspectiva de Gumperz se distingue da de Labov porque este adotou uma metodologia quantitativa baseada em ocorrências de determinados fenômenos em comunidades de falas específicas, enquanto aquele se ocupa do comportamento do indivíduo numa situação de comunicação face a face ao tratar a linguagem enquanto fenômeno social. Nesse caso, para Gumperz, o indivíduo e conhecimento individual são pontos de interesse da análise linguística, constituída por análise da competência linguística e análise do comportamento individual.

Sociolinguística interacional e as estratégias linguísticas

Em evento cujo foco seja o gênero palestra, a fala tende a se adequar ao contexto comunicativo, que, na interação, funciona como estratégia persuasiva para aqueles locutores que apresentam informações memorizadas e exteriorizam-nas pela voz. Além das pistas de contextualização, outras noções importantes para o estudo do gênero mencionado são as de *enquadre* e de *footing*, criadas por Goffman. *Enquadre* se refere à mensagem contida no enunciado, sinalizando sentidos implícitos, organizando o discurso e o orientando com relação à situação interacional; *footing* representa “o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção” (GOFFMAN, 1998, p. 70). Para o autor, a mudança de *footing* implica, pois, uma mudança de enquadre ou alinhamento, isso ocorre devido a

mudanças de posicionamentos, alterações no tom de voz, de ritmo frasal, inerentes à comunicação humana e à fala naturais.

Em situação de fala por um único expositor a uma plateia, como é o caso da palestra, as respostas desta última aparecem, segundo Goffman (1998), por meio de "sinais de retroalimentação", ou seja, com o papel de apreciar as observações feitas e não o de responder de forma direta. No entanto, considera-se que essas

> testemunhas ao vivo são co-participantes numa mesma ocasião, suscetíveis a toda estimulação mútua que a ocasião oferece", assim, "caso um membro da plateia tente reagir verbalmente a alguma coisa que o orador diz no meio de um discurso, este pode decidir responder e, caso saiba o que está fazendo, sustentar a realidade com a qual está comprometido. (GOFFMAN, 1998, p. 83).

As estratégias comunicativas utilizadas por um comunicador podem ser analisadas no âmbito da teoria da competência comunicativa instaurada por Hymes (1974). Para ele, o processo de interação propriamente dito passa a ter um lugar central na emergência e na manutenção de comunidades de fala, ou seja, tanto as situações de interação como as identidades que se lançam em jogo durante a interação são cruciais para a definição do construto.

A respeito da relação entre o sistema linguístico e o sistema comunicativo em uso, especialmente em termos de antropologia cultural, Hymes (1972) propôs quatro questões que norteiam a abordagem da competência comunicativa: o que é formalmente possível na comunicação (o que pode ser dito no sistema linguístico); o que é viável ao contexto (o que pode ser dito em relação aos recursos e meios de fato disponíveis na situação); o que é apropriado para ser dito (no contexto específico) e; o que é dito efetivamente pelos falantes. Ressalta Hymes, entretanto, que os quatro níveis propostos não devem ser vistos independentes um do outro, mas como esferas que se entrelaçam.

Entrelaçam-se, ainda, na competência comunicativa, três tipos de conhecimentos: o conhecimento linguístico; as habilidades de interação – que envolvem tanto conhecimentos quanto expectativas do ato da interação e o conhecimento cultural – e; o conhecimento partilhado entre os falantes.

Diante do conceito de competência, referindo-se aos conhecimentos e capacidades individuais, Gumperz (1982, p. 325), através de uma complementação,

redefiniu o conceito ao afirmá-lo como “o conhecimento das convenções linguísticas e comunicativas que os falantes devem ter para iniciar e manter envolvimento conversacional”.

Há que se considerar também o contexto situacional e os marcadores contextuais que atestam informações sobre a maneira como o comportamento verbal e não-verbal devem ser produzidos e interpretados. Esses mecanismos são abordados em Gumperz (1982) e dizem respeito ao grau de conhecimento compartilhado e grau de complexidade cognitiva exigida na consecução de uma tarefa e ao estoque de conhecimento linguístico de cada participante da comunicação.

Com base na discussão levantada, concorda-se com Kleiman (2002) quando ela diz que o conceito de competência comunicativa de Hymes (1972) e Gumperz (1982) viabiliza a descrição do conjunto de possíveis elementos que fariam parte da identidade profissional, a partir de uma perspectiva situada da prática discursiva.

Abordagem metodológica do objeto

A metodologia de um estudo é parte importante no trabalho científico, por antecipar a linha de raciocínio adotada no texto e os aspectos referentes à seleção e categorização do *corpus*, bem como os procedimentos para coleta análise dos dados. Além disso, esta parte do trabalho determina as etapas a serem vencidas na investigação para alcançar determinado fim.

Quanto aos objetivos, de acordo com Gil (1991), esta pesquisa se caracteriza por ser descritiva, pois visa à descrição do fenômeno observado, e interpretativista, no caso em tela, do discurso que constitui o gênero palestra.

A análise dos dados será realizada à luz da Etnografia da Comunicação, método utilizado em estudos qualitativos, que consiste na descrição detalhada de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis (SERRANO, 1994). Uma das características mais importantes desse tipo de estudo é a busca pela identificação do sentido que as pessoas atribuem aos seus atos, às suas ideias e ao mundo que as rodeia, como é o caso do palestrante que representa um grupo, uma empresa, uma sociedade.

A Etnografia da comunicação tem por base os estudos sociológicos e antropológicos e, contemporaneamente, tende a explorar tópicos mais específicos e testar hipóteses particulares. Dentro dessa tendência estão os sociolinguistas interacionistas, por se ocuparem do estudo da linguagem em uso, da qual surge, por exemplo, a etnografia da fala formulada por Dell Hymes (1972).

O *corpus* é constituído pela transcrição da palestra intitulada *Política educacional e o direito de aprender*[1], que durou 1h 4 min., proferida pelo palestrante brasileiro Mário Sérgio Cortella.

A palestra foi proferida no dia 29 de outubro de 2012 para uma audiência composta, principalmente, de gestores escolares. No evento, o palestrante abordou o tema da política educacional e a necessidade e o direito de aprender conferido aos cidadãos. Para tanto, Cortella enfatizou que, para uma boa gestão, é importante que o amor (amorosidade) esteja presente nas ações. Segundo ele, “o gestor competente, inspira, anima e motiva sua equipe e os alunos da escola”.

Na análise, lançamos trechos da referida palestra, sempre em destaque no texto, seguida da numeração das linhas em que se encontram na transcrição integral.

Por abordar metodologias de uso da linguagem em situação real, que se relacionam à identidade e às características particulares dos sujeitos envolvidos no evento de fala, faz-se necessário apresentar informações relevantes acerca do palestrante, conforme o item que segue.

Breve comentário sobre a vida e a carreira de Mário Sérgio Cortella

Mário Sérgio Cortella é graduado em Filosofia, Mestre e Doutor em Educação, adotou o título de filósofo, escritor, professor e atualmente renomado palestrante brasileiro. Em suas atuações mais relevantes, informadas no currículo Lattes presente na *Home Page* do CNPq (lattes.cnpq.br) , estão a de Professor-titular do Departamento de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na qual atuou por 35 anos (entre os anos 1977 e 2012); concomitantemente, durante 30 anos, também atuava no

[1] Este texto está inserido em site de domínio público, no seguinte link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=pL6K_jHe6tc> Acessado em 10 de julho de 2015.

Departamento de Teologia e Ciências da Religião. Além disso, foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (entre 1991 e 1992) e Membro-conselheiro do Conselho Técnico Científico Educação Básica da CAPES/MEC (de 2008 até 2010).

Ex-monge, seguidor de Paulo Freire (seu orientador no doutorado), o tema da espiritualidade está sempre presente em seu discurso. O interesse principal do palestrante está sobre os temas: educação libertadora, ética, multiculturalidade, antropologia filosófica, epistemologia e currículo, os quais lhe renderam vinte e um livros, dentre eles: A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos; Não Nascemos Prontos!; Liderança em Foco, com Eugênio Mussak; Filosofia e Ensino Médio: certos porquês, alguns senões, uma proposta; Vida e Carreira: um equilíbrio possível, com Pedro Mandelli; Pensar Bem Nos Faz Bem; Pensatas Pedagógicas: Nós e a Escola, agonias e alegrias.

Convenções de contextualização e estratégias comunicativas utilizadas na palestra

Em todo tipo de conversação, seja ela espontânea ou em situação de exposição regrada, utilizamos facetas linguísticas que se materializam no discurso a fim de imprimir nossas intenções comunicativas. Na palestra intitulada *Política educacional e o direito de aprender*, as pistas de contextualização aparecem de diversas formas, tanto por se tratar de um monólogo longo, com mais de uma hora de duração, quanto pela natureza do evento.

Nessa palestra, a julgar pelo tempo da fala, as diversas pistas de contextualização são utilizadas em diferentes trechos da exposição, destacando-se as pistas linguísticas e as pistas paralinguísticas ou prosódicas. Dentre as pistas linguísticas utilizadas, evidenciaram-se traços que marcam o início da fala, a transição de tópicos pela alternância de estilo utilizado, a exemplo do Trecho 1, que marca o exórdio da exposição:

> **Trecho 1:**
> **Muito bem… satisfação imensa::** numa manhã como hoje um dia muito BOm 29 de outubro é aniversário:: faria 101 anos hoje um dos brasileiros mai:s:: apreciáveis da nossa história que é o grande: Nelson Cavaquinho… Nelson Cavaquinho um músico especial com muita coisa e que fez a música que eu acho que toda e todo educador precisa pensar sempre porque é um

> projeto político pedagógico uma música dele chamada “Juízo final”... (linhas: 1- 6)

No Trecho 1, percebe-se que o palestrante quebra o protocolo de formalidade do evento, que manda que o palestrante saúde o público e situe o tema de sua exposição. Além disso, em pelo menos quatro palestras localizadas no site de domínio público, o palestrante inicia sua fala da mesma forma “Muito bem... satisfação imensa::”.

Na palestra em estudo, o gancho tomado para iniciar o tema da exposição foi a lembrança da data de morte de um importante músico brasileiro, Nelson Cavaquinho, e uma de suas letras de músicas que servem para instigar a audiência e introduzir os comentários do palestrante. A música eleita foi “Juízo final”, produzida na década de 1970, que, em poucas palavras, traduz a esperança de um mundo melhor:

> **Trecho 2**:
> **um dos versos mais bonitos** que eu acho que toda educadora e todo educador precisa tê-lo como sendo nosso horizonte um dia ele cantou “o sol há de brilhar mais uma vez… a luz:: há de chegar aos corações... do mal será queimada a semente o amor será eterno novamente”... **olha que interessante** o mais bonito dessa história é o **tipo de utopia** que ele carrega né? “do mal será queimada a semente e o amor será eterno novamente” uma das coisas que você e eu em educação temos sempre certeza: é de que o sol há de brilhar mais uma vez nenhum e nenhuma de nós durante década desiste dessa atividade de educação escolar nela se coloca... (linhas: 10 -17)

No Trecho 2, as expressões em destaque evidenciam as pistas que levam o interlocutor a compreender a mensagem: aponta para os versos da música, empregando-lhes seu juízo de valor – “um dos versos mais bonitos” – e, em seguida, encaminhando a audiência para aquilo que deseja chamar atenção, a “utopia” que a canção carrega, termo este que é retomado adiante na palestra.

Quanto à utilização de pistas paralinguísticas ou prosódicas, o palestrante pouco faz uso de pausas, de modo que sua fala se prolonga e instaura novos tópicos sucessivos, sem a quebra da informação e sem que haja hesitações. As marcas mais evidentes de busca por envolvimento da audiência com o tema se constituem da entonação e do tempo de fala. Veja-se o Trecho 3:

> **Trecho 3:**
> vale nós pensarmos essa questão há algo que é decisivo pra nós há algo que a possibilidade de nós não/ vocês **parem de fofocar as duas** ((se aproximando de duas mulheres) **vocês tão falando de desligar o projetor né isso? então/ não/ eu vou pôr a pasta na frente** ((com uma pasta na mão dirige-se o projetor e o insere, cortando a apresentação do slide)) **você sabe que professor improvisa sempre:: né? nós tamos acostumados com menos recursos/ ói que coisa boa "do mal será queimada a semente"** volto aqui um dos males da educação pública é o sequestro da… capacidade de um lado e do outro do direito de aprender (linhas: 24-31)

As expressões em destaque no Trecho 3 demarcam a mudança de turno na mesma fala, ao passo que o palestrante se mostra atento aos movimentos da audiência e dos organizadores/colaboradores do evento. Quando ele chama a atenção das mulheres que "fofocam", enquanto expunha seu texto, demonstra seu domínio sobre jogo de cena e sobre a própria fala: resolve o problema – "((com uma pasta na mão dirige-se o projetor e o insere, cortando a apresentação do slide))" –. Isto evidencia uma de suas características profissionais – "**você sabe que professor improvisa sempre:: né?"** – e retoma o conteúdo temático da palestra – "**que coisa boa 'do mal será queimada a semente'** volto aqui um dos males da educação pública é o sequestro da… capacidade de um lado e do outro do direito de aprender".

Além desses traços destacados, as pistas de contextualização, por estarem situadas na natureza das pressuposições, marcam o repertório linguístico e a historicidade do participante do evento. Esses fatores contribuem para as sinalizações que conduzem a uma interpretação por parte da audiência, como no Trecho 4 que segue.

> **Trecho 4:**
> uma das coisas que **você e eu em educação** temos sempre certeza: é de que o sol há de brilhar mais uma vez nenhum e nenhuma de nós durante década desiste dessa atividade de educação escolar nela se coloca: **viaja quilômetros e quilômetros milhares de quilômetros de onde está passa dois dias em São Paulo cidade tranquila como a Inês lembrou agora... né? consegue ficar um dia e meio apenas para uma coisa em que você acredita** "que do mal será queimada a semente"... (linhas: 16-20)

Os fragmentos destacados no Trecho 4 evidenciam características da vida profissional do palestrante: professor, viaja o país inteiro proferindo palestras, entre outros temas, o da educação. No Trecho 5, a seguir, mais uma vez o palestrante fala sobre si:

> **Trecho 5:**
> **fui secretário de educação** na cidade de São Paulo já faz 20 anos mas havia dentro do governo do qual eu participei por quase 20 anos eu fui secretário por 2 anos Paulo Freire foi secretário pelo dois anos anteriores e eu era o **adjunto** e havia uma política educacional essa política registrava nossos princípios e metas (linhas: 67-70)

Ao citar fatos acerca de si mesmo, o palestrante se põe como autoridade para discursar sobre o tema, além de conseguir destacar que a profissão escolhida faz parte da vida de todo sujeito e esta não se separa das demais relações sociais, como a família. Segundo ele, não há "vida pessoal" e "vida profissional", pois uma pessoa tem "apenas uma vida", então, é preciso administrar o tempo para a família, os amigos e o trabalho sem que haja distinção.

De acordo com Gumperz (2002), essas pistas de contextualização implicam nas expectativas convencionalizadas responsáveis por relacionar conteúdo, estilo e superfície do discurso, provocando a ligação entre as frases que sucedem e antecedem e a consequente interpretação por parte do interlocutor. Ademais, possibilitam também a identificação de origens e características dos participantes da interação.

Outro recurso utilizado foi o da alternância situacional (GUMPERZ, 2002), quando a troca de códigos redefine a situação em curso, por exemplo, cessa o evento palestra e inicia a sessão de debates. Acontece, nessa fase, a mudança de papeis por parte dos participantes: o palestrante faz um silêncio retórico, como se estivesse à espera de comentário ou de questionamento vindo da audiência, que no momento passa da posição de interlocutor para assumir a de locutor.

> **Trecho 6:**
> por isso, nesses dois minutos finais antes de dez e quinze como eu disse:: **quando for dez e quinze a gente abre:: às vezes você tem uma questão uma dúvida:: um ódio ou um trauma… ((risos)) você quer pegar um microfone?** tem um ali olha tem outro ali em cima também… eu queria fechar exatamente com duas ideias… se é proibido resmungar… se política é algo pra não ser idiota... você e eu temos de ter clareza de algo que eu levante queria retomar pra amarrar que a tarefa do poder... seja ele qual for... é servir... (linhas: 246-254)

No Trecho 6, o palestrante anuncia o final de sua exposição e convida, de maneira descontraída, o público a participar com questionamentos ou comentários acerca do tema desenvolvido. A proposição em destaque – "quando for dez e quinze

a gente abre:: às vezes você tem uma questão uma dúvida:: um ódio ou um trauma… ((risos)) você quer pegar um microfone?" – evidencia que alternância situacional está prestes a acontecer. Esse anúncio prévio do palestrante é marca do gênero palestra que, de acordo com os principais especialistas em retórica, como Aristóteles (2005) e Perelman (2014), em termos gerais, concordam que as palestras se organizam de acordo com a seguinte ordem básica: primeiro, o palestrante saúda o público, se apresenta e diz o motivo pelo qual foi escolhido para proferir a palestra ou o objetivo de sua fala; depois, começa a tratar do foco de sua fala, expondo fatos, narrando acontecimentos, descrevendo situações ou argumentando um ponto de vista; ao final, tende a deixar sugestões para o público ou a fazer um apelo no tocante ao que foi exposto para que a audiência se posicione nos instantes finais e participe do evento com questionamentos, comentários ou sugestões.

Enquadres e *footings*: estratégias comunicativas do palestrante

Sob a ótica da teoria de Goffman (1998), o conceito de enquadre aplica-se nessa palestra quando a metamensagem contida no enunciado sinaliza as intenções do locutor: convencer a audiência e manter a atenção do início ao final do evento, no qual se destaca o papel social e a posição discursiva que ocupa. A história profissional do palestrante em análise o faz um palestrante bem requisitado no Brasil e uma pessoa com notório saber para falar sobre diversos temas, conforme nota-se no Trecho 7, quando inicia a narração de um fato para ilustrar o modo como a educação funciona em contexto brasileiro:

> **Trecho 7:**
> e eu **nasci em Londrina** e fui alfabetizado numa cartilha muito usada no Sul né? quando eu tinha 6 anos que muitos e muitas aqui conhecem:: quem é do sudeste especialmente chamada "Caminho suave (linhas: 103 – 106)
> Em 1960 na minha cartilha "Eva via uvas" e eu Cortella também via uva ((risos)) uva fazia parte do meu dia-a-dia… portanto "uva" fazia senTIdo **pra mim** se fazia sentido eu aprendia… (linhas:111-113)
> a questão é que em nome de uma política educacional não refletida:: em Caicó no Sertão do seridó no rio Grande do Norte:: também se usava a "Caminho suave" e lá tinha **um menino da mesma idade que eu** chamado Cícero… (linhas: 118 -120)
> de repente:: **eu olho lá no fundo** e tá lá o Cícero… em pé na porta só olhando de lado de esguelha ( ) olhando com uma vassoura nas mãos um homem da **mesma idade que eu** cinquenta e oito anos (linhas: 149-151)

A narração que aparece no Trecho 7 se caracteriza como estratégia de contextualização, ao passo que, de acordo com Goffman (1998, p. 143), “a narração de história exige claramente que o narrador encaixe nas suas elocuções e as elocuções e ações dos personagens da história.” Durante a narração de uma história, o contador provavelmente quebrará o enquadre da narrativa em pontos estratégicos: para recapitular para ouvintes recém-chegados, ou para incentivar os ouvintes para o desfecho do discurso, como na situação apresentada.

Por representar traços do alinhamento ou da mudança de um enquadre, o *footing* acontece quando o palestrante muda o posicionamento, ou seja, quando insere novos sentidos para o conteúdo, ou altera o tom de voz ou o ritmo frasal, a exemplo do que aparece no Trecho 8:

> **Trecho 8:**
> aquilo que o gestor ou gestora tem de ter sempre e que fica consignada a sua política educacional que são as suas **utopias**… eu gosto muito da palavra utopia por que ela é utilizada muitas vezes de maneira equivocada de maneira geral **as pessoas usam utopia como sinônimo de impossível** o que é uma tolice o que **Thomas Morus grande pensador britânico do século XVI descreveu num livro um país onde havia fe-li-cidade** onde todas as crianças jovens idosos eram felizes ele decidiu chamar essa ilha de “ilha da utopia” **é curioso como aqueles que gostam de sequestrar direitos passaram a traduzir a palavra utopia como sendo impossível ou lugar nenhum…** (linhas: 34-42)

O *footing* acontece, no Trecho 8, quando Cortella inicia o tópico situando a palavra “utopia” (“como sinônimo de impossível”). Em seguida, explica-a com base em pensador e escritor britânico (Thomas Morus) para fortalecer seu ponto de vista, contrário ao pensamento comum, que afirma: “é curioso como aqueles que gostam de sequestrar direitos passaram a traduzir a palavra utopia como sendo impossível ou lugar nenhum…”. A primeira vez em que a palavra “utopia” foi situada pelo orador em tela aconteceu no início de sua exposição (conforme se observou no Trecho 2) e no Trecho 8. E também no Trecho 9 que segue, o termo é retomado e explicado de uma maneira mais detalhada.

> **Trecho 9:**
> a **política educacional** é a expressão dos nossos “ainda não” daquilo que ainda não é, mas pode ser... **eu não recuso nem quero recusar a palavra utopia como positiva...** isto é, como registro do nosso desejo da nossa prática da nossa intenção nesse sentido **um seminário como esse ele busca acima de tudo registrar um pouco dos caminhos pra que o nosso inédito viável deixe de ser inédito e passe a ser viável** afinal uma

> política educacional o que ele consigna são princípios e metas… princípio é ponto de partida meta é ponto de chegada (linhas: 57-63)

O *footing* se registra no Trecho 9 com o fechamento da ideia iniciada e o ganho que aproxima a palavra “utopia” da política educacional e ao próprio objetivo da palestra – “um seminário como esse ele busca acima de tudo registrar um pouco dos caminhos pra que o nosso inédito viável deixe de ser inédito e passe a ser viável”.

Esse mesmo fenômeno também acontece quando o palestrante faz uso de expressões irônicas, que marcam sua competência comunicativa para conduzir sua fala e não perder, em nenhum momento, o foco da exposição. Do Trecho 9 em diante, percebe-se que a ironia se faz presente em diversos momentos da palestra, o que revela traços da subjetividade do palestrante e a busca por tornar o monólogo atraente e interativo, pois mesmo que não haja a voz física da audiência durante a fala do expositor, há a interação pelos gestos, movimentos, direção do olhar, que geram resposta na voz do locutor. Além disso, a concepção de interação de Goffman (1981) a inclui como “encontro de dois ou mais atores que exercem uma influência recíproca”, como no trecho que segue:

> **Trecho 10:**
> eu moro em São Paulo há quarenta e cinco ano mas eu nasci em Londrina né e eu sou paranaense eu aquilo que se chama de VIP que é vindo do interior do Pará ((risos)) né? quem aqui é da Paraíba também é VIP, de Pernambuco também é VIP do Pará também é VIP né? (linhas 100 – 103)

Em situação de fala por um único expositor a uma plateia, como é o caso da palestra, as respostas desta última aparecem, segundo Goffman (1998), por meio de “sinais de retroalimentação”, ou seja, com o papel de apreciar as observações feitas e não o de responder de forma direta. A interação acontece quando a audiência responde à ironia com o riso, a exemplo do Trecho 11.

> **Trecho 11:**
> quando se ia ensinar encontro consonantal encontro consonantal que é uma coisa difí:cil da criança aprender pra se ensinar o encontro da consoante “D” com a consoante “R” a palavra e o desenho pra ela aprender era dromedário ((risos)) que é uma coisa do nosso dia-a-dia a gente tá aqui em São Paulo vai passando um dromedário na Brigadeiro Luiz Antônio ((risos))... Pra ensinar o dígrafo que parece encontro consonantal e não é o dígrafo “L-H” a palavra e o desenho na cartilha era lha-ma coisa do teu dia-

> a-da cê tá andando monte de lhamas saem dos andes e vêm passear ((risos))... (linhas 137-143)

Para provocar a interação efetiva, por meio da voz, na peroração da palestra, o palestrante brinca com a audiência a fim de gerar a discussão final, típica do evento. Para tanto, utiliza-se da ironia e de brincadeiras que descontraem e geram aquilo que se espera: a resposta positiva vinda da audiência, manifestada no riso e, algumas vezes, nas palmas.

> **Trecho 12:**
> "se você não tem dúvidas é porque está mal informado" por isso pergunto numa sala com colegas inteligentes… alguma dúvida::? ((risos)) Palavra aberta microfone na mão do nosso mestre de cerimônias e até dez e trinta mesmo que você não queira você ficará aqui… ((risos)) palavra aberta microfone na mão às vezes você não tem uma pergunta tem uma reflexão um comentário… um ódio um trauma dole uma... que eu não sou de enrolar não tamo no meio de colega… ali?? dole duas senão eu vou aí e entrevisto ((risos)) eu tô acostumado a fazer isso em programa de televisão ou senão vou ficar parado olhando aqui até:: criar constrangimento (linhas 260-268)

A competência comunicativa do palestrante, capacidade que permite ao falante se comunicar de modo eficaz em situações específicas e/ou distintas, se revela em alto grau, haja vista a desenvoltura com que apresenta o tema que domina em sua exposição. O palestrante, devido à sua prática, parece conseguir direcionar cada palavra do seu discurso às pessoas presentes no evento (gestores escolares), no lugar pertinente (auditório de seminário para gestores) do modo mais adequado e convincente. É bem provável que essa boa performance do orador em análise se dê porque, além de palestrante, ele é professor e filósofo-escritor e seu comportamento comunicativo deixou marcas de que possui um excelente domínio das três dimensões que envolvem a competência comunicativa: *conhecimentos linguísticos* – utilizar adequadamente a variedade da língua pertinente ao evento; *habilidades de interação* – manipular os conhecimentos e expectativas do ato da interação (quem pode ou não falar, como falar com pessoas de diferentes papéis ou classes sociais, que comportamentos não-verbais são apropriados etc.) e *conhecimento cultural* – mobilizar o conhecimento partilhado entre os falantes, tais como, os pressupostos comuns e juízos de valor e de verdade que são intrínsecos, bem como do uso adequado e interpretação contextual.

Considerações finais

A natureza de um evento, o contexto histórico e situacional em que ocorre e os participantes da interação são características essenciais para a análise de estruturas linguísticas, em especial, para o estudo da palestra e dos elementos linguísticos que constituem a organização textual/discursiva do gênero.

Na palestra escolhida para estudo, percebeu-se que as convenções de contextualização linguísticas utilizadas pelo orador na palestra *Política educacional e o direito de aprender* foram: a) as pistas linguísticas, que marcaram o início da fala, a transição de tópicos, dentro do conteúdo temático, pela alternância situacional e de estilo utilizados, pistas estas que em geral levam o interlocutor a compreender a mensagem contida nos enunciados. Além disso, o palestrante instaura tópicos sucessivos sem a quebra da informação e sem que haja hesitações e pausas, o que marca o traço de idiossincrasia presente em seu discurso; b) as pistas de contextualização, que marcaram o repertório linguístico rico em conhecimentos diversos e a historicidade do participante principal do evento, pois este situa a audiência numa espécie de diálogo, sem que o faça de forma efetiva, fascinando os gestores ali presentes, por causar-lhes, a cada instante, expectativas convencionalizadas responsáveis por relacionar conteúdo, estilo e superfície do discurso, provocando a ligação entre as frases que sucedem e antecedem e a consequente interpretação por parte dos interlocutores.

As estratégias comunicativas utilizadas, relacionadas às convenções de contextualização, representam traços da estrutura retórica do gênero palestra, principalmente por meio da identificação de enquadres e de *footings* presentes na linguagem utilizada, haja vista que, em situação de fala por um único expositor a uma plateia, as repostas desta última se evidenciam por meio de “sinais de retroalimentação”, ou seja, através de gestos, olhares, posicionamentos do corpo, que respondem indiretamente a inquietações lançadas pelo palestrante. Além disso, considera-se que essas “testemunhas ao vivo são co-participantes numa mesma ocasião, suscetíveis à toda estimulação mútua que a ocasião oferece”, assim, caso um membro da plateia tente reagir verbalmente no meio de um discurso, este pode decidir responder ou sustentar a realidade com a qual está comprometido (GOFFMAN, 1998).

A estratégia comunicativa mais evidente na palestra é da narração, caracterizando um *footing*, pois o palestrante, no momento em que se insere como personagem da própria história atrai a atenção da audiência e insere novos sentidos para o conteúdo, através do ritmo frasal e das mudanças no tom de voz e da representação da fala das personagens envolvidas.

Outro recurso bastante utilizado foi a ironia, bem situada, provocou na audiência o riso e tornou o evento menos tedioso e muito mais descontraído e interativo, comprovando um alto nível de competência comunicativa do palestrante, por saber utilizar-se dos conhecimentos linguísticos, das habilidades de interação e do conhecimento cultural que possui nos momentos pertinentes de sua exposição.

As contribuições de Gumperz, Goffman e Hymes são *insights* teóricos significativos para se estudar e identificar habilidades comunicativas, recursos linguísticos e estratégias paralinguísticas e suprassegmentais na fala tanto em situação espontânea quanto em situação regrada. Consideramos que este tipo de estudo permite-nos entender cada vez mais as características da fala dita formal e entendê-la como interação, embora planejada pelo palestrante observado. Sua linguagem simples e entonacionalmente bem colocada se aproxima muito da esperada por sua audiência. Isto nos pareceu o diferencial em relação a outros palestrantes que, na maioria das vezes, utiliza-se de uma linguagem mais polida e mais pautada na formalidade que o próprio evento oferece, provocando o distanciamento da sua audiência e a consequente menor adesão às ideias expostas.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2. ed. Volume VIII, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós cheguemu na escola, e agora?* Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. *Sociolinguística interacional*: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70-97.

GUMPERZ, John J. The linguistic bases of communicative competence. In: TANNEN, Deborah (Org.). *Analyzing discourse*: text and talk. Washington: Georgetown University Press, 1982. p. 323-334.

_____. A Sociolinguística Interacional no estudo da escolarização. In: COOK-GUMPERZ, J. *A construção social da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 58-82.

_____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. *Sociolinguística interacional*: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 98-119.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

HERNANDEZ CAMPOY, J. M. e ALMEIDA, M. *Metodologia de La investigación sociolinguística*. Granada: Comares, 2005.

HYMES, D. *Foundations in sociolinguistics*: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennylvania Press, 1972.

_____**.** *Foundations in Sociolinguistics.* Philadelphia, Pa.: University of Pennsylvania Press, 1974.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

PERELMAN, C.; OBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*: nova retórica. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SERRANO, G. P. *Investigación Cualitativa* – Retos e Interrogantes – I Métodos. Madrid: La Muralla,1994.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2017

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.